

ENCANTADOS E ENCANTARIAS NO FOLCLORE BRASILEIRO¹

Mundicarmo Ferretti

mundi@prof.elo.com.br

Doutora em Antropologia pela USP; professora colaboradora dos Programas de Pós-Graduação em Políticas Públicas e em Ciências Sociais (UFMA); Membro da Comissão Maranhense de Folclore. Área de pesquisa: Antropologia das populações afro-brasileiras. Publicações: “Desceu na guma: o caboclo do tambor de mina em um terreiro de São Luís”; “Encantaria de ‘Barba Soeira’. Codó, capital da magia negra?” e outras.

RESUMO

Análise da relação entre religião afro-brasileira e folclore tomando como referência o tambor de mina e o Bumba-meu-boi do Maranhão. Aponta entre os encantados da mina mais ligados ao Bumba-meu-boi - a manifestação folclórica mais conhecida do Maranhão -, além dos associados aos santos festejados na temporada junina e ao folclore do boi (animal), os encantados das famílias do Rei Sebastião e de Léguas Boji, o primeiro encantado num touro negro e o segundo representado como vaqueiro.

Palavras-chave

Religião afro-brasileira; folclore maranhense; Tambor de mina; bumba-meu-boi

Introdução

É muito difícil para um brasileiro pensar numa sociedade sem nenhuma referência a seres espirituais, como os nossos tão conhecidos anjos e demônios (que acredita-se que nunca tiveram matéria e vida terrena e que vivem no céu ou no inferno); santos e almas benditas ou penadas (que tiveram matéria e vida terrena e que, após a morte continuam atuando na Terra); encantados (pessoas que viveram na terra e desaparecem misteriosamente, aparentemente vencendo a morte, e que acredita-se que passaram a viver em outro plano, como o Rei Sebastião); Mãe d'Água, boto e muitos outros seres da mitologia brasileira, que se acredita existirem nas águas e nas matas, que acredita-se que nunca tiveram propriamente existência humana e que sempre viveram em encantarias.

Como nossa pesquisa tem girado principalmente em torno do tambor de mina - religião afro-brasileira hegemônica na capital maranhense -, vamos direcionar nossa atenção nesse trabalho para os encantados e encantarias mais conhecidos nos terreiros de São Luís e para a relação deles com o Bumba-meu-boi - a manifestação folclórica mais conhecida do Maranhão. Os encantados que são objetos de atenção especial nesse trabalho não são, portanto classificados como santos, anjos, demônios e nem como espíritos de mortos. São representados geralmente nos terreiros de São Luís (MA) como:

- 1) seres *invisíveis* à maioria das pessoas ou algumas vezes visíveis a certo número delas;
- 2) que *habitam as encantarias* ou “incantes”, situados “acima da Terra e abaixo do céu”, geralmente em lugares afastados das populações humanas;
- 3) que tiveram vida terrena e *desapareceram* misteriosamente, “sem morrer”, ou que *nunca tiveram matéria*;
- 4) que *entram em contato* com algumas pessoas em sonhos, fora de lugares públicos (na solidão do mar, da mata, por exemplo) ou durante a realização de rituais mediúnicos em salões de curadores e pajé, barracões de mina, umbanda, terecô (religiões afro-brasileiras) e em outros locais onde são chamados.

Vários encantados conhecidos no tambor de mina são representados como animais,

¹ Apresentado no VI Seminário de Ações Integradas em Folclore. São Paulo, 2008.

como a princesa Doralice, encantada numa troirinha (lagartixa) e a princesa Rosalina, encantada numa cobra. O que é algumas vezes apresentado como uma espécie de prisão, como aparece na história da princesa do Rio Pimenta, que aguarda ansiosamente por um moço corajoso que consiga quebrar o seu encanto, cortando ao meio a enorme cobra em que foi encantada (FERRETTI, M. 2000, p.31). Essa transformação em animais às vezes aparece na mitologia como provocada por feiticeiros maus ou decorrente da ação de um pai poderoso que não permite que as filhas tenham relacionamentos amorosos ou que não aceita a gravidez de uma filha que conseguiu burlar o seu controle. Outras vezes essa metamorfose em animal aparece como provocada pelo próprio encantado, como estratégia para vencer a morte ou proteger algum recurso natural ameaçado (como a lagoa onde vive a princesa Rosalina, encantada na Cobra Grande). (FERRETTI, M., 2002).

Vários encantados recebidos no Maranhão em terreiros de religião afro-brasileira são conhecidos em diversas manifestações folclóricas (contos, cantos, danças, representações teatrais, pinturas, esculturas etc.) onde são também considerados seres dotados de existência real, que podem entrar em contato com os humanos. Alguns deles, como a Mãe d'Água e o Rei Sebastião, são muito conhecidos. Outros, como o Ferrabrás de Alexandria, personagem da antiga obra *Historia do Imperador Carlos Magno e os doze pares de França*, reproduzida em folhetos de Cordel (BARROS, L. s.d.), nas Cheganças e em outras danças e representações folclóricas que narram batalhas entre mouros e cristãos, nem sempre são conhecidos como encantados fora dos terreiros de mina e de outras denominações religiosas influenciadas por ela.

Encantados e encantarias do Tambor de Mina²

No Maranhão o termo *encantado* é usado nos terreiros de mina, tanto nos fundados por africanos quanto nos mais novos e sincréticos, e nos salões de curadores ou pajés. Refere-se a uma categoria de seres espirituais recebidos em transe mediúnico, que não podem ser observados diretamente ou que se acredita poderem ser vistos, ouvidos ou sentidos em sonho, ou em vigília por pessoas dotadas de vidência, mediunidade ou de percepção extrasensorial, como alguns preferem denominar. São voduns, gentis (nobres) caboclos e índios que moram em encantarias africanas ou brasileiras e que incorporam em filhos-de-santo.

Apesar de totalmente invisíveis para a maioria das pessoas, os encantados tomam-se "visíveis" quando os médiuns em quem incorporam manifestam alterações de consciência e assumem outra identidade, a de um determinado encantado, o que geralmente ocorre durante a realização de rituais. Esses encantados apresentam-se geralmente à comunidade religiosa como alguém que teve vida terrena há muitos anos e desapareceu misteriosamente, tornando-se invisível, ou como seres que nunca tiveram matéria, mas podem também se comunicar com as pessoas incorporando em médiuns. Os encantados não são considerados espíritos de mortos, como os "eguns" do candomblé e os espíritos que se comunicam com as pessoas em centros espíritas e em seções de *mesa branca*, nem mesmo quando se acredita que tiveram vida terrena. Pertencem a outra categoria de seres espirituais³.

Os encantados da mina são freqüentemente comparados aos "anjos de guarda" entidades muito conhecidas no catolicismo popular. São protetores dos homens dotados de poderes especiais que estão "abaixo de Deus e dos santos (mártires e outros)", mas, ao contrário dos anjos de guarda, podem castigar severamente seus protegidos, como narrado em casos registrados por nós no livro "*Maranhão Encantado: encantaria maranhense e outras histórias*" (FERRETTI, M. 2000, p.97).

² Retoma texto da autora publicado em *Maranhão Encantado: encantaria maranhense e outras histórias*. São Luís: UEMA Editora, 2000, p. 15-16.

³ Nos terreiros de São Luis os orixás e voduns são algumas vezes denominados invisíveis³ e pertencentes a encantarias africanas, mas dificilmente se afirma que tiveram matéria ou vida terrena, embora alguns deles sejam representados na mitologia como reis (Xangô, Pedro Angassu) ou tenham nomes de soberanos do antigo reino do Daomé (hoje Benin - África).

Afirma-se em São Luís que os encantados nunca levam propriamente as pessoas ao mal, embora possam levá-las a certos comportamentos desaprovados socialmente, pois, segundo a mitologia, muitos são alcoólatras, violentos, irreverentes como os da família de Légua Boji - entidade controvertida que para uns é um caboclo, filho adotivo ou afilhado de Dom Pedro Angassu (classificado como vodum ou gentil - nobre associado a orixá), para outros é um vodum cambinda e há quem afirme que ele é o poderoso Légba da cultura daomeana (jeje), que corresponde ao Exu da cultura ioruba (nagô).

Em alguns terreiros da capital maranhense, as entidades espirituais não africanas ou caboclas mais antigas são denominadas "vodunsos", como ocorre no Terreiro Fé em Deus, de Mãe Elzita, onde Caboclo Velho, entidade por ela recebida, também conhecida por Sapequara, o que atesta a influencia da Casa das Minas - terreiro jeje fundado na primeira metade do século XIX - em outros terreiros. Mas, de modo geral as entidades da mitologia indígena brasileiras como o Curupira, ou da mitologia cabocla, como a Mãe d'Água, não são denominadas "voduns". Afirma-se que, no passado, essas entidades brasileiras não eram conhecidas em terreiros de mina de São Luís. Eram recebidas por pajés e curadores e só entraram quando estes, fugindo de perseguições policiais, pois o curandeirismo era e ainda é crime contra a saúde pública no *Código Penal Brasileiro*, passaram a abrir terreiros de mina.

Lugares sagrados e encantarias maranhense⁴

No Maranhão várias localidades são conhecidas como encantarias ou *encantes* - moradas de encantados recebidos em transe durante rituais e invocados pela população em momentos de aflição.

O saudoso pai-de-santo Jorge Itaci associava vários encantados da mina a localidades de São Luis e de outros municípios maranhenses (OLIVEIRA, 1989). Segundo aquela fonte:

- 1) *Dom Luís*, que comanda a ilha de São Luís, tem sua corte encantada na Baía de São Marco e domina de Ponta d'Areia até a Ilha do Medo;
- 2) *Rei Sebastião* cuja encantaria fica na Praia dos Lençóis domina do Boqueirão ao Itaqui;
- 3) *Dom José Floriano* domina o Boqueirão e a "cerca" de Alcântara⁵;
- 4) *Rei da Bandeira* (João da Mata ou Rei da Boa Esperança), encantado na pedra de Itacolomi;
- 5) *Dom João Soeira* (Rei de Minas ou Rei do Juncal), domina a praia do Calhau;
- 6) *Dom Pedro Angassu*, comanda as matas do Codó.

Analisando o mapa do estado pode se encontrar no litoral Norte, na direção do Pará, várias localidades referidas nas letras daquelas músicas como locais de encantarias. Na ilha de São Luís, o porto do *Itaqui*, as praias de *Olho d'Água*, *Ponta d'Areia*, *São José de Ribamar* são apresentadas naquelas musicas como moradas da Princesa Ína, da Rã Preta, da Menina da Ponta d'Areia e de outros encantados. No meio do mar, entre a ilha de São Luís e Alcântara, no tão temido *Boqueirão* - passagem entre duas pedras -, onde o mar é mais agitado, provocando naufrágios, e onde se acredita que muitas pessoas se encantaram. Existe também no meio do mar a pedra de *Itacolomi*, que pertence ao encantado João da Mata, ou Rei da Bandeira, onde vive a Princesa Doralice, encantada numa troirinha (lagartixa). São também conhecidos no Maranhão como lugares de encantarias: a *Praia dos Lençóis*, de Rei Sebastião, e as pontas de *Mangunça* e de *Caçacueira*, onde moram as Mães d'Água de mesmo nome.

Não se deve pensar que para o povo maranhense que conhece encantado, só existe encantaria no litoral ou na água salgada. Uma das encantarias maranhenses mais conhecidas é a da mata de *Codó*, no interior de estado, onde reina Dom Pedro Angasso e Rainha Rosa e

⁴ Apresentado originalmente na *56 Reunião Anual da SBPC - UFMT 18-23/07/2004*; versão preliminar publicada no *Boletim da CMF*, nº 40, jun. 2008, p. 3-4.

⁵ São também citados entre os encantados que dominam a região de Alcântara: *Barão de Guaré*, das cercanias de Alcântara até o Boqueirão (ANDRADE, 2002); *Dom Manoel*; *José Raimundo* (camaroeiro) e *Menino Louro*. Fala-se também bastante em *Rei Leão*, encantado do Boqueirão, e das ligações das ilhas do Caranguejo e do Medo com o *Rei Sebastião* (COSTA, S., 1985).

onde Léguas Boji Boa comanda uma grande linha de caboclo. Fala-se também que onde tem mata tem Curupira (ou Surrupira) e vários encantados que assumiram formas de animais: calangos, lagartixas, jacarés, macacos, borboletas, onça e outros. E, tanto na região litorânea quanto no interior, existem rios, lagos, poços e nascentes conhecidos como moradas de Mães d'Água e de encantados que já apareceram a alguém como cobras, peixes, botos e outros animais.

Os locais de encantaria são descritos pelos médiuns como lugares de muita energia, de muito poder, de uma força inexplicável ou como lugares de muito mistério, de muita “mironga”, de muito segredo. Afirma-se que nos principais passam muitas correntes espirituais. Em vários deles existem encontros de águas (do mar com água doce), de rios e matas, e em muitos deles existem pedreiras. Os lugares mais isolados, intocados, virgens concentram mais força. É por isso que se afirma que o turismo e o afluxo de pessoas para aqueles locais pode ser prejudicial. Fala-se que em Alcântara há uma concentração muito grande de forças vindas da África, pois recebeu grande número de escravos, e de forças de lá mesmo.

Ao contrário do que ocorre com os locais ligados à vida ou ao aparições de santos e almas milagrosas, a aproximação de *encantarias* só é permitida a poucas pessoas, as que recebem encantados de lá e foram autorizados por eles. E quem se aproxima de lugares encantados (nas águas ou nas matas) para fazer uma oferenda ou buscar algo solicitado pelos guias espirituais (como pedra, areia etc. para assentar um terreiro etc.), costuma sair de lá sem olhar para trás, pois fala-se que muitos dos que viram encantados ficaram doentes ou morreram logo depois. Adverte-se também que intromissões, curiosidades e profanações de encantarias são severamente punidas, pois quem não pertence às suas linhas é rejeitado pelos donos do lugar. Quem não tem vidência não sabe que às vezes uma duna esconde um palácio e pode querer pisar ou construir uma casa em cima da encantaria, da casa dos donos do lugar. Quem vai a um lugar de encantaria é porque tem um pedido de proteção, de saúde, tem um descarrego, uma firmeza a fazer ou uma promessa a pagar.

As encantarias são apresentadas por pais-de-santo maranhenses como locais de reabastecimento de forças, que às vezes estão definhando por causa de “demandas” ou que precisam ser armazenadas, para que se possam enfrentar as dificuldades que surgem durante o ano. É por isso que procuram fazer ali *lavagens de cabeça* ou de contas. Explicam que, se uma área daquelas for cercada ou interdita por alguém, há um grande prejuízo para a população e grande risco de ocorrerem ali muitas mortes, como ocorreu no porto do Itaqui e na Base de Lançamento de Alcântara. Depois do funcionamento do porto, como não se podia mais entrar livremente na área, os médiuns tiveram que arranjar outros locais para fazer suas obrigações, como deve estar acontecendo em Alcântara. Em São Luís, terreiros que dependem de força da pedra de Itacolomi fazem sua obrigação em uma gruta existente na Ilha, que fica na direção daquela pedra...

A relação do Bumba-meu-boi com encantados no Maranhão

Embora o Bumba-boi seja classificado como folguedo profano, sua relação com santos católicos é bastante conhecida. Em São Luís, São João, São Pedro, São Marçal, e Santo Antonio, festejados no período junino, são muito ligados ao Boi. Muitos grupos de Boi que hoje se apresentam nos arraiais e adotaram estrutura de empresa, nasceram de uma promessa feita por seus fundadores em momento de aflição e todos são batizados, rendem homenagem a São Pedro na capela desse santo e/ou participam da procissão marítima organizada no dia 29 de junho. Mas o Boi do Maranhão tem também uma relação muito estreita com encantados e certo número deles foi organizado para atender a um desejo deles anunciado em sonho ou em vigília ou para pagar uma promessa feita a um deles, como pode ser constatado na análise de depoimentos de Humberto, dono do Boi do Maracanã, e Cláudia Regina, filha e sucessora do Leonardo, fundador do Boi da Liberdade publicados em Memória de Velhos -volume VII (LIMA, Z., 2008).

No repertório do Boi do Maracanã existe uma toada de autoria de Humberto, intitulada “Reis da ‘Incantaria’” sobre encantados conhecidos no Maranhão que mostra claramente o lugar ocupado por eles no Bumba-meu-boi:

“Reis da ‘Incantaria’”
 Salve os terreiros;
 Que o pai Oxalá;
 Turquia, Casa das Minas;
 E a Casa de Nagô;
 Viva Deus;
 Viva as Rainhas;
 E os Reis da incantaria;
 Reis Badé, rei Verequete;
 O rei da Alexandria;
 Rei Guajá, Rei Surrupira;
 Rei Dom Luís, Rei Dom João;
 Rei dos feiticeiros, dos Exus;
 E Rei Leão;
 Rei Oxossi, Rei Xangô;
 Rei Camundá, Xapanã
 E Barão, Rei de Guaré;
 Proteja o Boi do Maracanã;
 Rei da Bandeira, o Rei da Maresia;
 Rei de Itabaiana, salve o Rei da Bahia
 E os reis que eu não falei em verso;
 Falo no meu coração;
 Salve Rei dos Índios;
 Salve o Rei Sebastião.

Como muitos encantados gostam de Boi vários terreiros maranhenses possuem um boizinho, às vezes de vara, e organizam uma anualmente uma brincadeira de Boi para eles com batismo, morte e quebra de mourão, como ocorre na Tenda Santa Terezinha, no Angelim, para Tombacé, ou pelo menos uma vaquejada, como às vezes ocorre no Terreiro Fé em Deus, para Surrupirinha.

Entre os encantados mais ligados ao Boi que são recebidos em terreiros maranhenses podem ser citados:

- 1) os que têm nomes derivados ou relacionados aos dos santos festejados no mês de junho: João da Mata, Pedrinho, Antonio Luís;
- 2) Rei Sebastião, encantado num touro negro na Praia dos Lençóis e outras entidades ligadas a ele;
- 3) Léguas-Boji, chefe de uma grande família de encantados e apresentado como “vaqueiro” e muitos outros.

Em nosso trabalho de campo realizado em terreiros da capital maranhense tivemos oportunidade de observar brincadeiras de Bumba-boi para diversos encantados:

- 1) Léguas-Boji, no Terreiro de Jorge da Fé em Deus;
- 2) Surrupirinha, na casa de dona Elzita, no Sacavém;
- 3) Antonio Luís, na casa de dona Clarinda, no bairro de Santo Antonio;
- 4) Tombasse, na casa de Mariinha, no Angelim;
- 5) Preto Velho, em dona Neném, na Casa de Nagô;
- 6) Lealdino, na casa de dona Raimundinha, no João Paulo.

Observamos também em Codó a brincadeira do Boi de Zezinho, no terreiro de Bitá do Barão, e, em Cururupu, tomamos conhecimento da existência do Boi de Caboclo Aracanguira, organizado por Betinho - curador.

Os Bois de Encantados geralmente não têm uma organização muito complexa, pois neles os brincantes costumam ser os pais e filhos-de-santo, tocadores e auxiliares dos terreiros. Mas alguns deles costumam contar com a participação de grupos de Boi comandados por pessoas amigas ou cujo dono é devoto da entidade a quem pertence o boizinho e para quem é oferecida a brincadeira, como tivemos oportunidade de observar na

Casa de Nagô, na morte do boi de Preto Velho⁶. Prática semelhante costuma ocorrer com o *Tambor de Crioula*, manifestação folclórica maranhense de grande importância realizada frequentemente em terreiros da capital nas festas de São Benedito ou do vodum Averequete, devoto daquele santo. O Tambor de Crioula é também dançado em terreiros maranhenses por pessoas em transe nas brincadeiras organizadas pelos terreiros na abertura e no encerramento de suas festas grandes; em festas realizadas em homenagem a pretos velhos, como a que ocorre tradicionalmente no Terreiro de Iemanjá no dia 13 de maio, em que se comemora a abolição da escravidão no Brasil; e em festas de entidades caboclas que gostam muito daquela brincadeira, como ocorria no passado no terreiro de dona Elzita, no bairro do Sacavém na festa de São Raimundo, do caboclo Jariodama.

Voltando à relação de encantados de terreiros maranhenses com a brincadeira de Bumba-meu-boi, vamos encerrar essa nossa intervenção com versos cantados em 2004 na casa de Mãe Mariinha, no bairro do Angelim, por ocasião da “morte do boi” do encantado Tombasse, onde essa relação aparece claramente:

“Chegou o Brilho da Bandeira”
Chegou o Brilho da Bandeira
Com todo seu guarnicê (bis).

Dança Tombacé,
Dança João de Una
Dança Preta Velha
E a Cabocla Mariana (bis)

“Benção e Luz”

Vamos reunir o nosso batalhão
Com proteção de Senhor São João (bis)

Só peço a Deus
E a Virgem de Nazaré
Que abençoe e dê luz
Ao batalhão de Tombacé

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Joel Carlos de Sousa. *Os Filhos da Lua: poéticas sebastianistas na Ilha dos Lençóis-MA*. Dissertação de Mestrado: Fortaleza: UFCE - PPG em História Social. Nov. 2002.

BARROS, Leandro G. *A batalha de Oliveiros com Ferrabrás e a Prisão de Oliveiros*. Juazeiro do Norte: [s.n.]. 1981. Folheto de Cordel.

COSTA, Sebastião de Jesus. *Umbanda e cultura*. São Luís: SIOGE, 1985.

FERRETTI, Mundicarmo. *Maranhão Encantado: encantaria maranhense e outras histórias*. São Luís: UEMA Editora, 2000.

----- . Lugares sagrados e encantarias maranhenses. *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore*, nº 40, junho 2008, p. 3-4.

LIMA, Zelinda. *Memória de Velhos: depoimentos*. Memória oral na cultura popular maranhense. Volume VII. São Luís: CMF/SECMA, 2008.

HISTória do Imperador Carlos Mágnio e os Doze Pares de França. Rio de Janeiro: Livraria Império, s.d.

OLIVEIRA, Jorge Itaci. *Orixás e Voduns nos terreiros de Mina*. São Luís: VCR, 1989.

⁶ Com o falecimento de dona Neném, que recebia o encantado conhecido por Preto Velho, aquela brincadeira foi encerrada e o boizinho foi doado ao museu do *Centro de Cultura popular Domingos Vieira Filho*, após a realização de alguns ritos internos para a sua dessacralização.